POLICIAL

LÍNGUA PORTUGUESA

CARLOS ANDRÉ

ACENTO INDICADOR DE CRASE

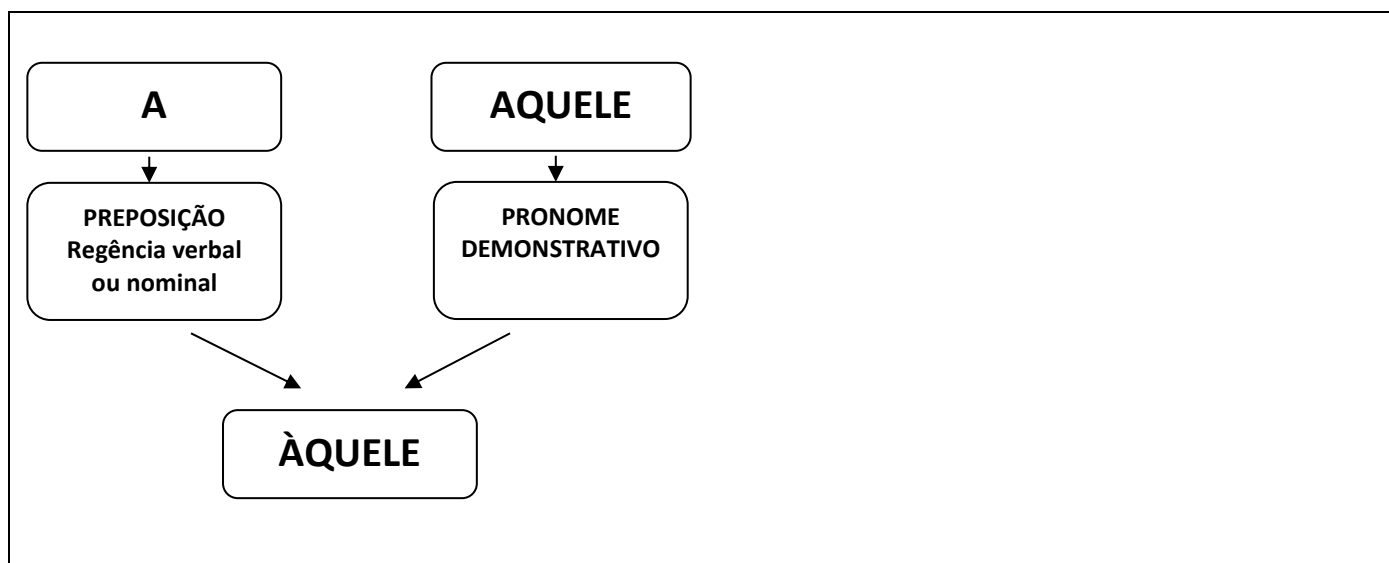
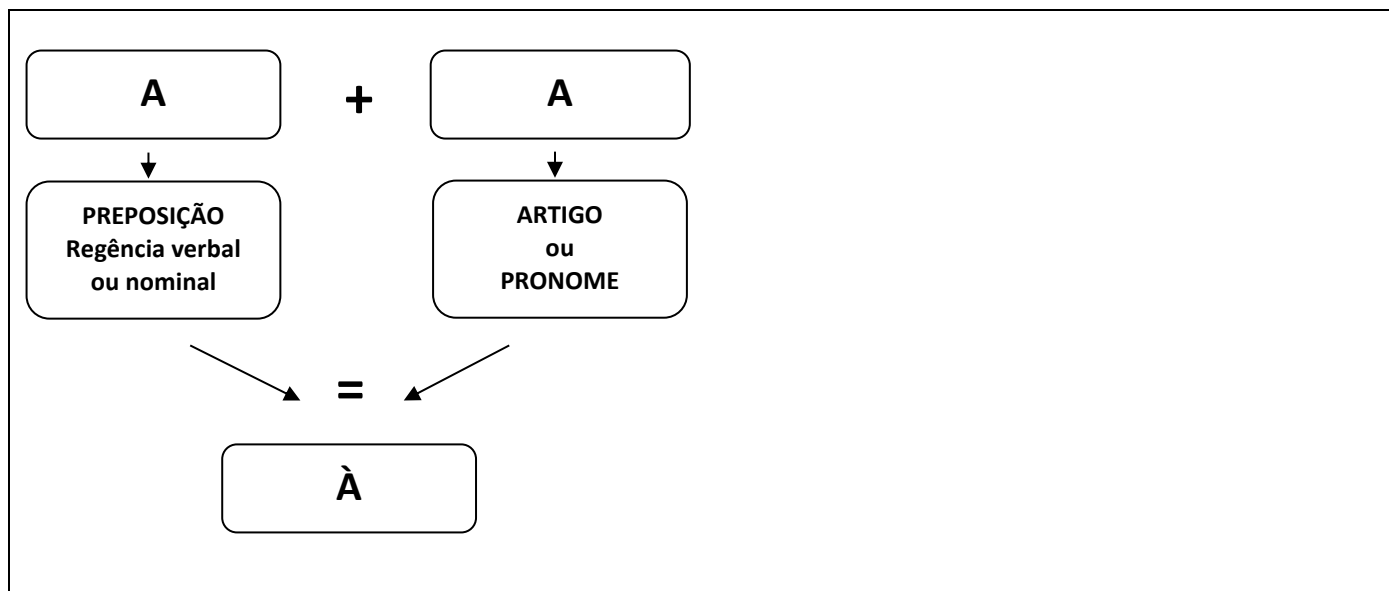
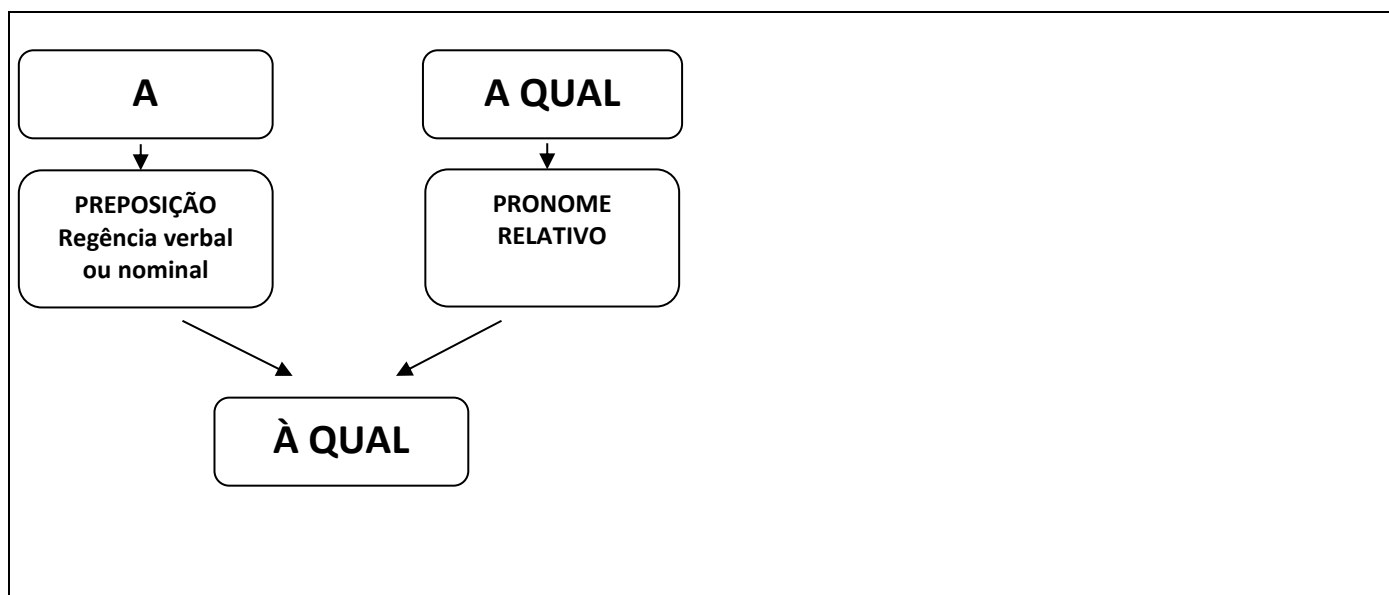
O fenômeno da crase é anterior à indicação por meio do chamado “acento grave” (`). Assim, é fundamental que o aluno entenda, inicialmente, a lógico de tal fenômeno para que, na prática, possa aplicar o indicador.

Vejamos o que diz o dicionário Aurélio:

1. Contração ou fusão de duas vogais em uma só:
à (*aa*); *ler* (*leer*); *dor* (*door*).
2.A contração de dois *aa*.
3. Designação vulgar do acento indicativo de certos casos de crase.
Ex.: Em *vou à praia*, o *a* deve ter crase.

Percebeu?

A crase é a fusão de duas vogais idênticas, conforme se percebe pelo item do dicionário. Hodiernamente, porém verifica-se que o fenômeno da crase ocorre com a fusão da preposição *a,* (advinda da regência verbal ou nominal), com o artigo *a*, com o pronome demonstrativo *a*, ou com o pronome demonstrativo *aquele*.

Verifique o gráfico abaixo para que você possa deduzir:

Verifiquemos agora casos de instrumentalização do uso do acento indicador de crase:

CASOS PRÁTICOS DO USO DO ACENTO INDICADOR DE CRASE

1) Encontrando-se a preposição *a* com o artigo *a, as*, ou com o pronome demonstrativo feminino, *a, as*, bem como com o *a* de *aquele, aqueles, aquelas, aquilo, a qual e as quais*, fundem-se os dois sons em um só, que, na linguagem escrita, se assinala atualmente com o acento:

- Não irei hoje à cidade.
- Premiaram-no por sua dedicação às crianças.
- Essa história é muito parecida à que minha mãe me contava.
- Quero agradecer àquele rapaz as atenções que me dispensou.
- Desconheço a poesia de Olavo Bilac à qual o orador fez referência.

2) A crase da preposição *a* com o artigo *a, as* somente pode dar-se é óbvio — antes de palavra feminina, expressa ou oculta, que esteja acompanhada de artigo e constitua com a preposição um complemento antecedente desta:

- Sua frequência às aulas é muito irregular.
- Ele escreve à (moda de) Machado de Assis, isto é, com elegância naturalidade.

Basta que tal palavra, ainda que feminina, desacerte o artigo (quer própria natureza dela, quer por já vir acompanhada de determinativo incompatível com o artigo, quer, ainda, pela sua situação no contexto), para não haver crase.

Exemplo:

a) - Voltarei a Paris ainda este ano.

Nota: *A palavra Paris repele o artigo, como se vê nas construções seguintes: vive em Paris, jamais saiu de Paris, o avião passa por Paris, etc.*

Escrever-se-á, todavia: Jamais voltei à Paris dos meus sonhos —porque, aí, a palavra Paris está determinada.

b) - Entregue a pasta a qualquer pessoa da casa.
- Não comparecerei a esta cerimônia.
- É uma jovem a cuja inteligência faço justiça.

Nota:
Os substantivos pessoa, cerimônia e inteligência, todos femininos, estão determinados respectivamente por qualquer, esta e cuja, razão pela qual não podem trazer também o artigo.

c) - O quarto recende a rosa.
- Ele vive entregue a tristeza profunda.
- Todo empregado tem direito a licença.

Nota: *Os substantivos femininos rosa, tristeza, licença, se bem que possam, por si mesmos, em outras circunstâncias, ser usados com artigo, empregam-se, nestas frases, em sentido absolutamente geral, e, portanto, sem artigo. Cf. as construções seguintes, com palavras masculinas — nas quais, de modo mais claro, se percebe a falta do artigo: o quarto recende a jasmim; ele vive entregue a pesar profundo; todo empregado tem direito a descanso.*

3) Quando for facultativo o artigo, facultativa será, naturalmente, a crase. Isso acontece com nomes próprios de pessoa, com alguns nomes de lugar, e antes dos possessivos:

- Dê o retrato a Evangelina (ou à Evangelina).
- Ir a África (ou à África).
- Dirija-se a sua sala (ou à sua sala).

Nota: *Nos dois últimos casos, a linguagem contemporânea prefere a construção com artigo.*

4) Na designação das horas, o *a* é acentuado:

- Chegarei à uma hora e sairei às cinco.

5) Em expressões como gota a gota, cara a cara, etc., nas quais falta o artigo antes do primeiro termo, faltará também antes do segundo:

- Os inimigos estavam cara a cara.
- O líquido caía gota a gota.

6) Com o substantivo casa, na acepção de residência, três fatos podem ocorrer:

a) Não se dará a crase, se a palavra *casa* não tiver nenhuma determinação:

- Não voltarei a casa para almoçar.
- Assim que cheguei a casa, recebi o seu recado.

Nota: *Conferir as expressões: ficar em casa, sair de casa, passar por casa etc. (todas sem artigo).*

b) Será facultativa a crase, se a palavra *casa* vier acompanhada de possessivo, ou adjunto que designe o dono ou o morador:

- Tão cedo não voltarei a tua casa (ou à tua casa).
- Nunca fui a casa do Bentinho (ou à casa do Bentinho).

c) Será obrigatória a crase, se a palavra *casa* vier acompanhada de qualificativo, ou adjunto que não designe o dono ou o morador:

- Visita à casa paterna.
- Ainda não voltei à casa de Laranjeiras, desde que lá morreu meu pai.

Nota: *Fora da significação aludida, a palavra casa exige o artigo nas circunstâncias comuns em que este se emprega.*

7) Nem sempre — e aí é que bate o ponto — o *a* acentuado é resultante de crase. Assim por motivos de clareza como para atender às tendências históricas do idioma, recebem acento no *a*, independentemente da existência de crase, muitas expressões formadas com palavras femininas:

- apanhar à mão;
- cortar à espada;
- fechar à chave;
- matar o inimigo à fome;
- comprar à vista;

Observação: *Em expressões como às pressas, às vezes, às ocultas, às expensas de (outrora a pressa, a vezes, a ocultas, a expensas de), a forma plural dos substantivos teria determinado a presença do "as", que, apesar de não ter a função delimitadora de artigo, levou à falsa suposição da existência dele; daí o craseamento com a preposição e o uso do acento, que se estendeu a expressões semelhantes.*

LEMBRETES PARA NÃO USAR O ACENTO INDICATIVO DE CRASE

1) Antes de palavra masculina:

- Iluminação a GÁS.
- Pintura a ÓLEO.
- Entrega a DOMICÍLIO.
- Que sabes a RESPEITO da vida?

2) Antes do artigo indefinido *UMA*:

- Você fas jus a UMA recompensa.
- Já assistiram a UMA toura

3) Antes de palavra no plural:

- Não compareço a FESTAS públicas.
- Prender-se a IDEIAS e envelhecidas.

4) Antes de verbo:

- Preferiu morrer a ENTREGAR-SE.
- Fiquei a CONTEMPLÁ-LA.

5) Antes de pronome pessoal, incluindo-se o de tratamento:

- O concerto será dedicado a VOCÊ.
- Vimos trazer nossos cum mentos a VOSSA EXCELÊNCIA.

6) Antes de numeral cardinal (exceto na designação das horas):

- O vilarejo fica a DUAS léguas da cidade.

7) Antes de pronome demonstrativo, indefinido, relativo, ou interrogativo:

- Não sei responder a ESSA pergunta.
- Chegaram vocês a ALGUMA conclusão?
- Trata-se de pessoas a QUEM respeito muito. A QUE profissão se destina o rapaz?

8) Antes de nome de lugar, que se use sem artigo:

- Voltarei a LONDRES ainda este ano. Foi a ROMA e não viu o Papa.

9) Em expressões como frente a frente, gota a gota:

- Os duelistas já se encontravam FRENTE a FRENTE.

EXERCÍCIOS

TEXTO PARA QUESTÃO 01

1 Pedir ao educador que situe o centro de gravidade na própria criança é pedir-lhe nada menos que fazer uma revolução, se é verdade que até agora o centro de gravidade foi
4 situado fora dela. É essa revolução — exigência fundamental do movimento da educação nova — que Claparède compara à que Copérnico realizou na astronomia, e que ele define, com
7 tanta felicidade, nas seguintes linhas: "são os métodos e os programas que gravitam em torno da criança e não mais a criança que gira em torno de um programa decidido fora dela.
10 Essa é a revolução copernicana à qual a psicologia convida o educador".

M. A. Bloch. **Filosofia da educação nova**. Paris: PUF, 1973, p. 33 (com adaptações).

QUESTÃO 01

Com relação às ideias do texto CB1A1BBB e aos seus aspectos linguísticos, julgue o item a seguir.

A supressão do acento grave, indicativo de crase, no trecho "que Claparède compara à que Copérnico realizou na astronomia" (l. 5 e 6), prejudicaria a correção gramatical do texto, dada a impossibilidade de omissão do artigo definido no contexto.

(   )CERTO   (   ) ERRADO

TEXTO PARA QUESTÃO 02

1 As críticas à extrema confiança que demos à ciência como forma única de conhecimento são muitas e espalham-se em diversas frentes. Embora não possamos desconsiderar o
4 avanço científico a que os últimos séculos assistiram — as revoluções consideráveis no campo da medicina, da física, da química e das próprias ciências sociais e humanas —, essa
7 ciência capitalista, androcêntrica e colonial não tem conseguido dar conta de resolver o problema que ela própria ajudou a construir.
10 Atualmente há uma grande preocupação quanto à capacidade dessa ciência, criada pelos interesses do desenvolvimento e da exploração da natureza, de oferecer
13 soluções para lidar com a crise ambiental, social e econômica. Pensar a crise socioambiental no contexto da razão moderna é pensar que essa crise é o resultado do triunfo do
16 capitalismo e da racionalidade técnico-científica. Falamos não só de uma crise ecológica, mas também de uma crise civilizatória de amplas dimensões, do funcionamento de um
19 sistema que destrói e ameaça as suas próprias bases de sobrevivência, sustentado pela separação homem/natureza, com repercussões para toda a vida social.

J. Dourado *et al.* *Escolas sustentáveis*. São Paulo: Oficina de Textos, 2015, p. 25-6 (com adaptações).

QUESTÃO 02

Considerando as ideias e estruturas linguísticas do texto CB2A1AAA, julgue o item a seguir.

O emprego do sinal indicativo de crase em “à capacidade dessa ciência” (l. 10 e 11) é facultativo.

( )CERTO ( ) ERRADO

TEXTO PARA QUESTÃO 03

1 Brasília tinha apenas dois anos quando ganhou sua universidade federal. A Universidade de Brasília (UnB) foi fundada com a promessa de reinventar a educação superior,
4 entrelaçar as diversas formas de saber e formar profissionais engajados na transformação do país.

A construção do *campus* brotou do cruzamento de
7 mentes geniais. O inquieto antropólogo Darcy Ribeiro definiu as bases da instituição. O educador Anísio Teixeira planejou o modelo pedagógico. O arquiteto Oscar Niemeyer transformou
10 as ideias em prédios.

Darcy e Anísio convidaram cientistas, artistas e professores das mais tradicionais faculdades brasileiras para
13 assumir o comando das salas de aula da jovem UnB.

"Eram mais de duzentos sábios e aprendizes, selecionados por seu talento para plantar aqui a sabedoria
16 humana", escreveu Darcy Ribeiro, em **A Invenção da Universidade de Brasília**.

A estrutura administrativa e financeira era amparada
19 por um conceito novo nos anos 60 e até hoje menina dos olhos dos gestores universitários: a autonomia.

Internet: <www.unb.br> (com adaptações).

QUESTÃO 03

Julgue o item que se segue, pertinentes a aspectos linguísticos do texto CB4A1AAA.

No trecho "O arquiteto Oscar Niemeyer transformou as ideias em prédios" (ℓ. 9 e 10), o emprego do sinal indicativo de crase em "as ideias" é opcional.

( )CERTO ( ) ERRADO

TEXTO PARA QUESTÃO 04

1 Minha tia, Mary Beton, devo dizer-lhes, morreu de uma queda de cavalo, quando estava em Bombaim. A notícia da herança chegou certa noite quase simultaneamente com a da
4 aprovação do decreto que deu o voto às mulheres. A carta de um advogado caiu na caixa do correio e, quando a abri, descobri que ela me havia deixado quinhentas libras anuais até
7 o fim da minha vida. Dos dois — o voto e o dinheiro —, o dinheiro, devo admitir, pareceu-me infinitamente mais importante. Antes disso, eu ganhara a vida mendigando
10 trabalhos esporádicos nos jornais, fazendo reportagens sobre um espetáculo de burros aqui ou um casamento ali; ganhara algumas libras endereçando envelopes, lendo para senhoras
13 idosas, fazendo flores artificiais, ensinando o alfabeto a crianças pequenas num jardim de infância. Tais eram as principais ocupações abertas às mulheres antes de 1918. De
16 fato, pensei, deixando a prata escorregar para dentro de minha bolsa e recordando a amargura daqueles dias: é impressionante a mudança de ânimo que uma renda fixa promove. Nenhuma
19 força no mundo pode arrancar-me minhas quinhentas libras. Comida, casa e roupas são minhas para sempre. Assim, cessam não apenas o esforço e o trabalho árduo, mas também o ódio e
22 a amargura. Não preciso odiar homem algum: ele não pode ferir-me. Não preciso bajular homem algum: ele nada tem a dar-me. Assim, imperceptivelmente, descobri-me adotando
25 uma nova atitude em relação à outra metade da raça humana. E, ao reconhecer tais obstáculos, medo e amargura convertem-se gradativamente em piedade e tolerância; e
28 depois, passados um ou dois anos, a piedade e a tolerância se foram, e chegou a maior de todas as liberações, que é a liberdade de pensar nas coisas em si. Aquele prédio, por
31 exemplo, gosto dele ou não? E aquele quadro, é belo ou não? Será esse, em minha opinião, um bom ou um mau livro? Com efeito, o legado de minha tia me desvendou o céu e substituiu
34 a grande e imponente figura de um cavaleiro, que Milton recomendava para minha perpétua adoração, por uma visão do céu aberto.

Virginia Woolf. **Um teto todo seu**. Trad. de Vera Ribeiro.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985 (com adaptações).

QUESTÃO 04

Acerca dos aspectos linguísticos e dos sentidos do texto CB3A1AAA, julgue o seguinte item.

O sinal indicativo de crase em “às mulheres” (l. 4) é facultativo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

TEXTO PARA QUESTÃO 05

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha — com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e escolhera.

Sua preocupação reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranquila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera.

Clarice Lispector. **Amor**. *In:* **Laços de família**.
Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 20-1

QUESTÃO 05

Acerca dos aspectos linguísticos e dos sentidos do texto CB1A1AAA, julgue o item que se segue.

A introdução do sinal grave indicativo de crase em “a noite” (l.26) manteria a correção gramatical do texto, mas prejudicaria seu sentido original.

( ) CERTO ( ) ERRADO

TEXTO PARA QUESTÃO 06

“O americano Jackson Katz, 55, é um homem feminista – definição que lhe agrada. Dedica praticamente todo o seu tempo a combater a violência contra a mulher e a promover a igualdade entre os gêneros. (...) Em 1997, idealizou o primeiro projeto de prevenção à violência de gênero na história dos *marines* americanos. Katz – casado e pai de um filho – já prestou consultoria à Organização Mundial de Saúde e ao Exército americano.”

(In: **Veja**, Rio de Janeiro: Abril, ano 49, n.2, p. 13, jan. 2016.)

QUESTÃO 06

No texto acima, o sinal indicativo de crase foi empregado corretamente, em todas as situações. Poderia ter ocorrido também diante dos verbos **combater** e **promover**, uma vez que o emprego desse acento é facultativo antes de verbos.

TEXTO PARA QUESTÃO 07

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação — traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública — deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. **Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público.** *In*: **Controle Público**, n.º 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

QUESTÃO 07

Com relação às estruturas linguísticas do texto **CB2A2AAA**, julgue o item a seguir.

No trecho “a uma ampla interação” (l. 23 e 24), a inserção do sinal indicativo de crase no “a” manteria a correção gramatical do período, mas prejudicaria o seu sentido original.

TEXTO PARA QUESTÃO 08

1 Luís Fernando Veríssimo diz que o cronista é como
uma galinha, bota seu ovo regularmente. Carlos Eduardo
Novaes diz que crônicas são como laranjas, podem ser doces
4 ou azedas e podem ser consumidas em gomos ou pedaços,
na poltrona de casa ou espremidas na sala de aula.
Já andei dizendo que o cronista é um estilita. Não
7 confundam, por enquanto, com estilista. Estilita era o santo que
ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto,
meditando e pregando. São Simeão passou trinta anos assim,
10 exposto ao sol e à chuva. Claro que, de tanto purificar seu
estilo diariamente, o cronista estilita acaba virando um estilista.
O cronista é isso: fica pregando lá em cima de sua
13 coluna no jornal. Por isso, há uma certa confusão entre
colunista e cronista, assim como há outra confusão entre
articulista e cronista. O articulista escreve textos expositivos e
16 defende temas e ideias. O cronista é o mais livre dos redatores
de um jornal. Ele pode ser subjetivo. Pode (e deve) falar na
primeira pessoa sem envergonhar-se.
19 O cronista é crônico, ligado ao tempo, deve estar
encharcado, doente de seu tempo e ao mesmo tempo pairar
acima dele.

Affonso Romano de Sant'Anna. O que é um cronista?
In: O Globo, 12/6/1988 (com adaptações).

QUESTÃO 08

Considerando as ideias e os aspectos linguísticos do texto **O que é um cronista**?, julgue o item a seguir.

Na linha 10, o emprego do acento indicativo de crase em “à chuva” é exigido pela regência da forma verbal “exposto” e pela presença do artigo definido feminino que especifica o substantivo “chuva”.

TEXTO PARA QUESTÃO 09

1 A ideia de solidariedade acompanha, desde os
primórdios, a evolução da humanidade. Aristóteles, por
exemplo, em clássica passagem, afirma que o homem não é um
4 ser que possa viver isolado; é, ao contrário, ordenado
teleologicamente a viver em sociedade. É um ser que vive, atua
e relaciona-se na comunidade, e sente-se vinculado aos seus
7 semelhantes. Não pode renunciar à sua condição inata de
membro do corpo social, porque apenas os animais e os deuses
podem prescindir da sociedade e da companhia de todos os
10 demais.
O primeiro contato com a noção de solidariedade
mostra uma relação de pertinência: as nossas ações sociais
13 incidem, positiva ou negativamente, sobre todos os demais
membros da comunidade. A solidariedade implica, por outro
lado, a corresponsabilidade, a compreensão da transcendência
16 social das ações humanas, do coexistir e do conviver
comunitário. Percebe-se, aqui, igualmente, a sua inegável
dimensão ética, em virtude do necessário reconhecimento
19 mútuo de todos como pessoas, iguais em direitos e obrigações,
o que dá suporte a exigências recíprocas de ajuda ou sustento.
A solidariedade, desse modo, exorta atitudes de apoio
22 e cuidados de uns com os outros. Pede diálogo e tolerância.
Pressupõe um reconhecimento ético e, portanto,
corresponsabilidade. Entretanto, para que não fique estagnada
25 em gestos tópicos ou se esgote em atitudes episódicas, a
modernidade política impõe a necessidade dialética de um
passo maior em direção à justiça social: o compromisso
28 constante com o bem comum e a promoção de causas ou
objetivos comuns aos membros de toda a comunidade.

Marcio Augusto de Vasconcelos Diniz. **Estado social e princípio da solidariedade.** *In*: **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, Vitória, n.º 3, p. 31-48, jul.-dez./2008. Internet: <www.fdv.br> (com adaptações).

QUESTÃO 09

Julgue o item que se segue, relativos às estruturas linguísticas do texto **Estado social e princípio da solidariedade**.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso se empregasse o sinal indicativo de crase no vocábulo "a" em "dá suporte a exigências recíprocas" (l.20).

TEXTO PARA QUESTÃO 10

1 Anísio Spínola Teixeira nasceu no dia 12 de julho de 1900, em Caetité – BA, onde passou os primeiros anos de vida sob os cuidados da mãe, Anna Spínola Teixeira.

4 O pai, Deocleciano Pires Teixeira, sonhava que o filho fosse político e o mandou estudar no Rio de Janeiro. Anísio diplomou-se na Faculdade de Direito da Universidade do Rio 7 de Janeiro em 1922.

Como educador, Teixeira viajou para a Europa e os Estados Unidos da América para observar os sistemas 10 escolares. No Brasil, defendeu o conceito de escola única, pública e gratuita como forma de garantir a democracia e foi o primeiro a tratar a educação com base filosófica.

13 Instituiu na Bahia, em 1950, a primeira escola-parque, que procurava oferecer à criança uma escola integral, que cuidasse da alimentação, da higiene, da socialização, além do 16 preparo para o trabalho. Nas escolas-parques, os alunos ainda tinham contato com as artes plásticas. Naquela época, essas aulas eram orientadas por profissionais de renome, como 19 Caribé e Mário Cravo.

Sempre brigou pela democracia na educação. Publicou vários livros defendendo a educação e a cultura para todos. Foi 22 um dos fundadores da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Universidade de Brasília (UnB), da qual foi reitor em 1963.

25 Candidatou-se à Academia Brasileira de Letras, em 1971, mas faleceu antes da eleição, ao cair no poço do elevador de seu prédio, em 11 de março de 1971, quando saía 28 para visitar Aurélio Buarque de Holanda.

Internet: <www.unb.br> (com adaptações).

QUESTÃO 10

Com base nas ideias e estruturas linguísticas do texto I, julgue o item subsecutivo.

Em "à criança" (R.14), caso o vocábulo "criança" fosse empregado no plural, o acento indicativo de crase deveria ser mantido.

TEXTO PARA QUESTÃO 11

1 A língua que falamos, seja qual for (português, inglês...), não é uma, são várias. Tanto que um dos mais eminentes gramáticos brasileiros, Evanildo Bechara, disse a 4 respeito: "Todos temos de ser poliglotas em nossa própria língua". Qualquer um sabe que não se deve falar em uma reunião de trabalho como se falaria em uma mesa de bar. A 7 língua varia com, no mínimo, quatro parâmetros básicos: no tempo (daí o português medieval, renascentista, do século XIX, dos anos 1940, de hoje em dia); no espaço (português lusitano, 10 brasileiro e mais: um português carioca, paulista, sulista, nordestino); segundo a escolaridade do falante (que resulta em duas variedades de língua: a escolarizada e a não escolarizada) 13 e finalmente varia segundo a situação de comunicação, isto é, o local em que estamos, a pessoa com quem falamos e o motivo da nossa comunicação — e, nesse caso, há, pelo menos, duas 16 variedades de fala: formal e informal.

A língua é como a roupa que vestimos: há um traje para cada ocasião. Há situações em que se deve usar traje 19 social, outras em que o mais adequado é o casual, sem falar nas situações em que se usa maiô ou mesmo nada, quando se toma banho. Trata-se de normas indumentárias que pressupõem um

22 uso “normal”. Não é proibido ir à praia de terno, mas não é normal, pois causa estranheza.

A língua funciona do mesmo modo: há uma norma 25 para entrevistas de emprego, audiências judiciais; e outra para a comunicação em compras no supermercado. A norma culta é o padrão de linguagem que se deve usar em situações formais.

28 A questão é a seguinte: devemos usar a norma culta em todas as situações? Evidentemente que não, sob pena de parecermos pedantes. Dizer “nós fôramos” em vez de “a gente 31 tinha ido” em uma conversa de botequim é como ir de terno à praia. E quanto a corrigir quem fala errado? É claro que os pais devem ensinar seus filhos a se expressar corretamente, e o 34 professor deve corrigir o aluno, mas será que temos o direito de advertir o balconista que nos cobra “dois real” pelo cafezinho?

Língua Portuguesa. Internet: <www.revistalingua.uol.com.br> (com adaptações).

QUESTÃO 11

De acordo com o texto acima, julgue o seguinte item.

De acordo com o contexto, estaria também correto o emprego do sinal indicativo de crase em “quanto a” (l.32).

TEXTO PARA QUESTÃO 12

1 Muitas coisas nos diferenciam dos outros animais, mas nada é mais marcante do que a nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo segundo nossa 4 qualificação, nossa energia, nossa imaginação. Ainda assim, para a grande maioria dos homens, o trabalho nada mais é do que puro desgaste da vida. Na sociedade capitalista, a 7 produtividade do trabalho aumentou simultaneamente a tão forte rotinização, apequenamento e embrutecimento do processo de trabalho de forma que já não há nada que mais 10 nos desagrade do que trabalhar. Preferimos, a grande maioria, fazer o que temos em comum com os outros animais: comer, dormir, descansar, acasalar.

13 Nossa capacidade de trabalho, a potência humana de transformação e emancipação de todos, ficou limitada a ser apenas o nosso meio de ganhar pão. Capacidade, potência, 16 criação, o trabalho foi transformado pelo capital no seu contrário. Tornou-se o instrumento de alienação no sentido clássico da palavra: o ato de entregar ao outro o que é nosso, 19 nosso tempo de vida.

Emir Sader. **Trabalhemos menos, trabalhemos todos**. In: **Correio Braziliense**, 18/11/2007 (com adaptações).

QUESTÃO 12

A ausência do sinal indicativo de crase em “**a tão forte**” (L.7-8) indica que nesse trecho não foi empregado artigo, mas apenas preposição.

TEXTO PARA QUESTÃO 13

1 Uma das iniciativas mais interessantes em relação à
discussão sobre os impactos da Internet na mente vem da
Fundação Edge. No começo do ano de 2010, a instituição —
4 criada para promover um debate multidisciplinar entre grandes
nomes das ciências e das artes — lançou a pergunta sobre o
impacto da Web a colaboradores como Kevin Kelly, Richard
7 Dawkins e Nassim Taleb. As dezenas de textos produzidos
estão reunidas no sítio da fundação. Um dos destaques é o
pensador Kevin Kelly, que se vale de exemplos neurológicos
10 já conhecidos para inferir que o impacto da Internet é real e
lança, a partir de sua experiência pessoal, várias ideias sobre o
modo como a rede está alterando o processo de pensamento.
13 Ele argumenta, por exemplo, que, apesar de a rede nos ter
tornado mais capazes de acessar conhecimento, ela também é
responsável pela ampliação da incerteza em relação à
16 informação. “Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata
erosão”, afirma. Isso provoca o que o autor chama de “liquidez
mental”: o pensamento tornou-se mais fluido. Agora a mudança
19 de opinião é mais constante e os extremos de interesse e
desinteresse em relação a vários assuntos se ampliaram.
Kelly não está certo sobre as consequências desse
22 processo, mas acredita que uma delas é tornar mais tênue a
fronteira entre trabalho e lazer. “Não consigo mais distinguir
quando estou trabalhando *online* de quando estou me
25 divertindo”, admite. A “perda de tempo com bobagens” seria,
para ele, um fertilizante à criatividade. Muitos podem criticar
o fenômeno. Para Kelly, porém, a confluência do “sério” e do
28 “lúdico” é um dos grandes feitos da Web.
Ele também contesta a tese, defendida por Carr, de
que a Internet está reduzindo nossa concentração (“é uma ideia
31 superestimada”) e acha que a diminuição da contemplação está
longe de ser um problema. “Para alguns, a perda de
contemplação é um dos maiores problemas da Internet. (...) Eu

QUESTÃO 13

O uso do sinal indicativo da crase em “ **à imediata erosão**” (L.16-17) é obrigatório.

TEXTO PARA QUESTÃO 14

1 Pode-se dizer que há complexidade onde quer que
se produza um emaranhamento de ações, de interações, de
retroações. E esse emaranhamento é tal que nem um
4 computador poderia captar todos os processos em curso. Mas
há também outra complexidade que provém da existência de
fenômenos aleatórios (que não podem ser determinados e
7 que, empiricamente, agregam incerteza ao pensamento).

Pode-se dizer, no que concerne à complexidade, que há um pólo empírico e um pólo lógico e que a complexidade
10 aparece quando há simultaneamente dificuldades empíricas e dificuldades lógicas. Pascal disse há já três séculos: "Todas as coisas são ajudadas e ajudantes, todas as coisas são
13 mediatas e imediatas, e todas estão ligadas entre si por um laço que conecta umas às outras, inclusive as mais distanciadas. Nessas condições — agrega Pascal —
16 considero impossível conhecer o todo se não conheço as partes". Esta é a primeira complexidade: nada está isolado no Universo e tudo está em relação.

Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. *In*: Dora Fried Schnitman (Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p. 274 (com adaptações).

QUESTÃO 14

A retirada do sinal indicativo de crase em **"no que concerne à complexidade**" (L.8) altera as relações de sentido entre os termos, mas preserva sua correção gramatical.

TEXTO PARA QUESTÃO 15

1 O Instituto de Registro Imobiliário do Brasil (IRIB), seção de São Paulo, em parceria com o Colégio Notarial do Brasil, também seção de São Paulo, e com o apoio da
4 Corregedoria-Geral da Justiça de São Paulo, congrega esforços para promover e realizar seminários de direito notarial e registral no estado, visando o aperfeiçoamento
7 técnico de notários e registradores e a reciclagem de prepostos e profissionais que atuam na área. Os objetivos perseguidos pelas entidades representativas de notários e
10 registradores bandeirantes são o aperfeiçoamento dos serviços, a harmonização de procedimentos, buscando uma regulação uniforme nas atividades notariais e registrais.
13 O IRIB e o Colégio Notarial sentem-se orgulhosos de poder contribuir com o desenvolvimento das atividades notariais e registrais do estado.

Internet: <www.educartorio.com.br> (com adaptações).

QUESTÃO 15

As passagens "**o aperfeiçoamento técnico**" (L.6-7) E " **a reciclagem**" (L.7) podem ser substituídas, respectivamente, no contexto por à qualificação técnica e ao aprimoramento.

QUESTÃO 16

Com mais de R$ 117 bilhões captados entre seus quase 14 milhões de clientes, que têm à disposição mais de 8 mil pontos de atendimento no Brasil 19 e 31 no exterior, o BB encerrou o exercício mantendo sua liderança no sistema financeiro nacional e seu compromisso com a satisfação dos clientes e acionistas.

O texto permaneceria correto caso se substituísse o trecho "que têm à disposição" (L.17-18) por que têm à sua disposição.

TEXTO PARA QUESTÃO 17

1 A ideia de tolerância nasceu e se desenvolveu no terreno das controvérsias religiosas. Seus grandes defensores, de Locke a Voltaire, combateram todas as formas de
4 intolerância que ensanguentaram a Europa durante séculos, depois da ruptura do universalismo religioso por obra das Igrejas reformadoras e das seitas heréticas. Do terreno das
7 controvérsias religiosas, a ideia de tolerância passou pouco a pouco para o terreno das controvérsias políticas, ou seja, do contraste entre as formas de religião moderna que são as
10 ideologias. O reconhecimento da liberdade religiosa deu origem aos Estados não confessionais; o reconhecimento da liberdade política, aos Estados democráticos. Um e outro
13 reconhecimento são a mais alta expressão do *espírito laico* que caracterizou o nascimento da Europa moderna, entendendo-se esse espírito laico como o modo de pensar que confia o destino
16 do *regnum hominis* (reino do homem) mais à razão crítica que aos impulsos da fé, ainda que sem desconhecer o valor de uma fé sinceramente experimentada, mas confiando a adesão a ela
19 à livre consciência individual.

Norberto Bobbio. **Elogio da serenidade e outros escritos morais.** São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 149 (com adaptações).

QUESTÃO 17

A omissão do sinal indicativo da crase no trecho " à razão crítica" (L.16) não prejudicaria a correção gramatical do período, mas tornaria o trecho ambíguo.

GABARITO

01.CERTO
02.ERRADO
03.ERRADO
04.ERRADO
05.CERTO
06.ERRADO
07.ERRADO
08.CERTO
09.CERTO
10.ERRADO
11.EM SALA
12.CERTO
13.ERRADO
14.CERTO
15.CERTO
16.CERTO
17.ERRADO